

Camões resiste às glórias oficiais

NOGUEIRA MOUTINHO

Dia a dia, quatro séculos se escoam hoje sobre a morte de Camões. A simples menção desse nome evoca na mente dos que falam a língua portuguesa quase uma figura mítica. À maneira do promontório de Sagres desafiando o mar ululante, alçase o Vate no topo de nossa cultura, sobreposto aos azares e injúrias do tempo, encarnando o "ethos" mesmo da lusitanidade e de seu espriar-se por quatro continentes. A ele é sempre hora de voltar os olhos, da mesma forma que de espaço a espaço os erguemos às constelações imutáveis. Nossas perspectivas é que cambiam, a obra do poeta, essa, constitui irrefragável e misteriosa realidade, da qual nos aproximamos a sabor de aleatórias abordagens. Cada século poderá lê-lo de forma diversa, interpretá-lo ao modo e segundo os lábeis postulados de sua estética, o que não pode é esquecê-lo ou negá-lo. À maneira das forças da natureza, e ele seguramente foi uma delas, Camões, inamovível, a tudo resiste em sua grandeza absoluta, até mesmo às glórias oficiais e à recesiva castração dos gramáticos.

Emerso na extrema ponta ocidental da Europa no século em que a Renascença se inaugura, em que o Humanismo aponta, será ele a derradeira voz épica destinada a cantar a última das epéias: o mirífico sonho português de descobrir o périplo marítimo para o Oriente, realizado enfim por Vasco da Gama. Nesse sentido é um vate cósmico, elementar, ecumênico, o último dos antigos, o primeiro dos modernos.

Quatro séculos de estudos, de interpretações, de exegeses avassaladoras impõem-nos quase um labor arqueológico para redescobrir na pureza original a figura do poeta. Canonizado pelo Estado, supremo clássico, do idioma, criador do epos nacional, alinhado entre os máximos poetas da Europa, discípulo de Virgílio e de Petrarca, objeto de vasto e intrincado aparato ensaístico, essa atemorizante floresta acaba ocultando a única árvore que interessa contemplar e que é a sua obra.

Nascido talvez em 1525 — ano da morte de Vasco da Gama — Camões expira num miserável hospital de Lisboa a 10 de junho de 1580, milésimo sombrio na história de Portugal, que se vê então anexado à Espanha de Felipe 2.º. Jovem, ao cabo de estudos em Coimbra, ingressa o poeta, por volta de 1550, na vida da Corte como "Cavaleiro Fidalgo da Casa Real". Já em 1552, porém, um primeiro incidente grave inicia a série de infortúnios de que a vida lhe será plena: fere durante a procissão de Corpus Christi em Lisboa um certo Gonçalo Borges, moço das cavaliarias d'el rei. A violência custa-lhe meses de prisão, de que é indultado por Dom João 3.º. Antes, todavia, a infeliz paixão por Dona Catarina de Ataíde, a Natércia das "Rimas", lhe valera humilhante exílio no Ribatejo. Havendo iniciado já o grande poema nacional, engaja-se na expedição de Afonso de Noronha contra os mouros, prometendo-se não mais retornar a Lisboa. No Marrocos a morte o acompanha de perto: se consegue manter-se vivo paga ao Acaso duro tributo ao vazor o olho direito na tomada de Ceuta. Desfigurado, sem esperança alguma de conquistar a doce Catarina de Ataíde, toma a resolução de embarcar para as Índias, na qualidade de mero escudeiro.

Todos os navios da expedição de que participa naufragam durante uma tempestade, menos o dele. Desembarcado em Goa vai conhecer de perto os esplendores da colonização lusa, mas vai também ser tomado de surpresa e indignação ante a venalidade de compatriotas seus investidos de poder. Dai a sátira das "Loucuras da Índia", em que denuncia a improbidade de um dito Francisco Barreto, governador de Sofala. Os tempos, porém, são realmente corruptos e o poderoso acusado impede a volta do poeta a Portugal, exilando-o em Macau. Nesse porto da costa chinesa desfruta Camões dos mais calmos anos de sua amargurada existência. Lá redige a maior parte dos "Lusiadas" e recebe até, ao que parece, um munus público, o de "curador de defuntos e ausentes".

Em 1561 obtém licença para voltar a Goa. A nau em que viaja é presa de um ciclone no golfo de Tonquim e Camões — relata a 8.ª Década de Diogo do Couto — consegue escapar a nado até a foz do Mecom, salvando em uma das mãos o manuscrito quase completo dos "Lusiadas". Deixa-se ficar em Goa até 1567, mas novos contratempos se conjuram contra ele: acusado de malversações no cargo de Macau, vê-se assediado por pedidos de prisão por parte dos credores. Dissipa-se, porém, as calúnias e o poeta acaba por merecer a graça de repatriar-se. O capitão do navio em que viaja, por razões desconhecidas, deixa-o abandonado nas costas de Moçambique, onde Diogo do Couto vai encontrá-lo imerso na maior miséria: "Tão pobre que vivia de amigos." Só em 1570 ganha de novo Lisboa, onde, dois anos depois, vem a lume, escudada em penoso "nihil obstat" arrancado ao Santo Ofício, a edição príncipe dos "Lusiadas". Na folha-de-rostro a data, 1572. Um ano antes se ferira na Batalha de Lepanto, em que Cervantes perde a mão esquerda. São quase mesmas as datas que assinalam a vida dos dois maiores gênios da Ibéria.

Dom Sebastião, o Desejado, que reina, admira e acolhe o poeta, mas poucos anos mais tarde é o sonho do Quinto Império que se evanesce em Alcácer Quibir com a morte do jovem príncipe e de toda a nobreza lusa nos afros areiais. Perdido o apoio real, o sucesso do poema não é suficiente para poupar seu autor da indignação. Vive a custa da tença anual de quinze mil réis que o defunto rei lhe concedera e um escravo javanês vai à noite pelas esquinas de Lisboa esmolar para que não pereça à fome o maior cantor das glórias da



Último dos antigos, primeiro dos modernos, ele morreu há 400 anos, deixando-nos "Os Lusíadas".

pátria. Abatido pela adversidade, consumido de pejo pela calamitosa decadência de Portugal, sentindo completa indiferença por sua obra, assistindo ao efêmero reinado do Cardeal Dom Henrique e anteveendo o aspérrimo destino da pátria prestes a ser colhida pela mão castelhana, Luis Vaz de Camões morre em 1580 "na pátria e com ela". Tem apenas cinquenta e cinco anos. Almeida Garrett, em 1825, celebrará a sublimidade e a dureza do destino do elegiaco que um dia murmurara, fechando as "Oitavas sobre o Desconcerto do Mundo": "Fortuna, enfim, com o amor se conjurou contra mim porque mais me maguasse, amor a um vão desejo me obrigou só para que a fortuna mo chegasse: o tempo a tal estado me chegou e nele quis que a vida se acabasse, se há em mim acabar-se: o que eu não creio que até da muita vida me receio."

Entretanto, ainda em vida Camões foi reconhecido e celebrado por seus pares. O Tasso dedica-lhe magnífico soneto que se refere ao "colto e buon Luigi". Lope de Vega põe-lhe o nome no começo de uma de suas peças e em 1580 no curso de um elogio em prosa o cognomina "príncipe dos poetas". No Romantismo, sua figura atrai de modo particular os cultores de uma estética que vê no poeta um ser amaldiçoado. Ludwig Tieck o torna personagem de um conto. Schlegel considera os "Lusiadas" acima do "Orlando Furioso" de Ariosto. Humboldt se extasia ante a verdade científica do poema e o realismo das suas descrições marítimas. Chateaubriand, Madame de Stael, Lamartine, Leopardi, como antes Voltaire, renderão preito ao vate do Tejo. Em nosso tempo, Ezra Pound afirma que "Os Lusíadas" permanecem como exemplo de grande estilo mantido sem desfalecimento ao longo de dez cantos. Dirá também que Camões é o Rubens da poesia. Como já se afirmara que Rubens é o Homero da pintura, a convergência das comparações desemboca no curso real da Epopeia no Ocidente: Homero que a iniciou, Camões que a encerra.

Lembrando-se talvez de suas origens portuguesas, Jorge Luis Borges incluiu em "El Otro, el Mismo", livro de 1969, o soneto "A Luís de Camões", que inábil e canhestro tradutor tentou já verter à nossa língua:

"Sem lástima e sem ira o tempo gela as heróicas espadas. Pobre e triste para a pátria nostálgica partiste, oh capitão, para morrer com ela e nela. Já no mágico deserto a flor de Portugal se havia perdido e o áspero espanhol, antes vencido acometia o litoral aberto. Quero saber se aquê de humilha beira, extrema compreendeste humildemente que todo o consumido, o Ocidente e o Oriente, as naves e a bandeira perduraria (alheio a toda humana mutação) em tua Eneida lusitana."

São acenos que partem dos altos lugares da cultura e é por isso estranhável que em "Mensagem" de Fernando Pessoa, livro no qual Antonio Vieira é chamado de "imperador da língua portuguesa", não haja mínima referência a Camões. A verdade é que não pode haver silêncio mais eloquente do que esse: "Mensagem" é um livro camoneano do primeiro ao último verso, não teria sido possível se "Os Lusíadas" não tivessem existido. Camões está espiritualmente presente nestes poemas que cantam os heróis e o "mar português" que tão violentamente ressoam em suas estrofes de oitava rima. No reino da poesia há certamente formas mais sutis de

homenagem do que possam sonhar nossos prosaicos limites. Assim, "A Máquina do Mundo" de Carlos Drummond de Andrade, além de ser um dos maiores poemas dele simboliza profundo preito ao elegiaco das grandes meditações neoplatônicas que há em Camões.

Apenas "Os Lusíadas" e umas breves peças líricas foram publicadas em vida do poeta. Toda a lírica, toda a obra dramática e as cartas são de extração póstuma, fato que gerou infinitas controvérsias de autoria. Como só se empresta aos ricos, muita coisa alheia foi atribuída até o século 18 à pena camoneana. No século 19 outras edições eruditas rejeitaram por escrupulo escritos autênticos dele. Hoje a crítica textual crê poder creditar-lhe seguramente 211 sonetos, 15 canções, 3 sextinas, 13 odes, 11 elegias, 5 oitavas, 9 élogos, 142 redondilhas, 3 autos, 4 cartas. Camões, vê-se, dominou quase todas as formas de poesia de seu tempo, do soneto petrarquiano, da oitava rima do Ariosto, da "terza rima" dantesca, às redondilhas, aos vilancetes, às cantigas, às sextinas, à requintada de corte horaciano. Soberanamente erótico não poupou metros nem rimas para cantar as amadas, da espiritual Natércia à sensualíssima Bárbara cativa, a da "pretidão de amor."

Suas "Rimas" são assim atravessadas de correntes em que se miram os lances da paixão em todas as nuances experimentadas pela alma humana. "Transforma-se o amador na coisa amada" escreveu, dando forma poética a um sentimento que viveu o mais intensamente possível.

Elaborado ao longo de um quarto de século, de 1544 a 1570, o poema dos "Lusiadas" foi principiado por um jovem e genial fidalgo cavaleiro e arrematado por um sábio-artista às portas da velhice, carregado de saberes. É efetivamente a obra de toda uma existência, implica a adesão total do ser às altas realidades do epos: "Para servir-vos, braço às armas feito / Para cantar-vos, mente às musas dada" afirma o poeta dirigindo-se ao Portugal amado. Das ardentes e gloriosas apóstrofes dos primeiros cantos à aforismática melancolia, ao recolhimento filosófico das oitavas finais ("Nem me falta na vida honesto estudo, / com longa experiência misturado, / nem engenho, que aqui vereis presente, / cousas que juntas se acham raramente") podem-se talvez acompanhar passo a passo as metamorfoses que o tempo realizou na existência do vate. O macrocosmo do poema como que reflete o microcosmo do seu autor, o universo é reproduzido no homem. E de tal maneira se identificam essas duas realidades, Camões e Portugal, o poeta e seu livro, seu poema e a pátria, que Manuel Bandeira pôde compor o bellissimo soneto em que tudo isso se diz de forma inexcelável:

"Quando n'alma pesar de tua raça a névoa da apagada e vil tristeza, busque ela sempre a glória que não passa em teu poema de heroísmo e de beleza.

Gênio purificado na desgraça, tu resumiste em ti toda a grandeza: Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça o amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ecoar na mente da estirpe que em perigos sublimados plantou a cruz em cada continente,

não morrerá sem poetas nem soldados a língua em que cantaste rudemente as armas e os barões assinalados."